

Feito nos EUA: *Os Sopranos*

TERRY CAESAR*

[Tradução: EVA PAULINO BUENO]



A frase “Made in America”—“Feito nos Estados Unidos” – aparece num anúncio publicado em alguns periódicos antes dos “Episódios finais” de *Os Sopranos* serem mostrados na rede HBO, começando no dia 6 de abril de 2007. No anúncio se via o rosto sério de Tony no lado direito, enquanto que no lado esquerdo estava a estátua da liberdade. Por que enfatizar a origem nacional da série *Os Sopranos*? Naquelas alturas, afinal, esta já era uma das séries mais bem conhecidas e mais celebradas da história da televisão americana.

Uma resposta a esta simples pergunta é imediatamente submergida em perguntas muito maiores e mais complexas, que têm a ver com temas importantes como os distintos horizontes culturais de qualquer

nação-estado, o caráter específico da cultura popular global, e as capacidades tecnológicas da televisão e da tecnologia em vídeo e DVD no tempo presente.

Naturalmente, a série nasceu aqui nos Estados Unidos, e foi aqui também que ela experimentou sua primeira morte. No momento em que este anúncio apareceu, *Os Sopranos* estava renascendo globalmente, na forma de canais de acesso especial, ou aluguel de vídeos disponíveis virtualmente em todos os países do mundo. E já naquele momento havia outros países em que *Os Sopranos* estava sendo oferecido através da HBO ao mesmo tempo que estava sendo mostrado nos Estados Unidos.

Além disso, aqui a iminente primeira morte da série, em 2007, obtinha um adiamento, já que outra rede de TV a cabo, a A & E, tinha começado a mostrar episódios expurgados da série cobrindo os seis anos anteriores. De uma certa maneira, o anúncio da HBO era como um pedido para que se deixasse *Os Sopranos* completar sua primeira mostra, mais ou menos como permitir a uma pessoa viver toda uma vida antes de começar a sujeitar o corpo à retirada de órgãos para transplantes.

Em um ponto mais importante, o anúncio era uma elegia a esta vida, que mal podia ser completada no seu país de origem. Naquele abril de 2007, o que mais os Estados Unidos tinham a oferecer em relação a *Os Sopranos*? Bem, os episódios finais mostrados ao vivo. Depois de mostrados uma vez, estes episódios estariam disponíveis ao mundo. Mas naqueles domingos à noite, oito vezes mais, esta série feita no EUA continuaria a viver onde tinha nascido.

O problema é que, para o resto do mundo, a série nunca tinha sido confinada exclusivamente aos Estados Unidos. Eu sei, porque durante uma boa parte da sua duração, eu mesmo não morei exclusivamente nos Estados Unidos. Poder ver uma transmissão “ao vivo” durante muito tempo foi praticamente impossível para mim até o fim da série, e este fato demonstrou, eu acho, algo sobre a existência de *Os Sopranos* (para não dizer a própria cultura popular) como um fenômeno global.

Para começar no início. Eu e minha mulher só começamos a ver o primeiro ano da série quando nos Estados Unidos se mostrava o segundo ano. Estávamos vivendo no Japão naquele tempo. Uma amiga da esposa de um amigo tinha copiado o primeiro ano, direto da TV. Quando ela acabou de ver os tapes, ela os emprestou para nós. Fomos fígados

imediatamente (por causa das mesmas razões que os críticos celebram a série há anos). Nós vimos todos os episódios disponíveis do primeiro ano em um mês. Mas não vimos tudo.

O Tony seria morto? Tivemos que esperar dois meses antes que os episódios finais chegassem até nós, e assim foi com os outros episódios dos anos seguintes. Um ano inteiro transcorreu antes que pudéssemos ver os tapes do segundo ano de *Os Sopranos*; a estas alturas, nos Estados Unidos já tinham terminado de mostrar os episódios do terceiro ano. A não ser que estivéssemos preparados a conceder a esta série o *status* de um filme que ela nunca foi, continuava sendo crucial ver os episódios em ordem cronológica. Mas não tão rapidamente. No final do segundo ano, a HBO começou a soltar tapes VHS oficiais para compra ou aluguel nas lojas de vídeo.

Durante dois meses no final do verão de 2002 — quando minha esposa estava se preparando para começar um novo trabalho dos Estados Unidos e eu para terminar meio ano de um contrato que ainda tinha no Japão — nós assistimos vídeos alugados de todo o terceiro ano. Não era como assistir a um filme. A experiência ainda estava muito assombrada pelo fantasma da transmissão ao vivo. Mas também não era como assistir televisão. Aqueles tapes vinham de estantes com uma porção de outros tapes.

De repente, de qualquer forma tínhamos alcançado todos os demais que assistiam a série nos Estados Unidos. E, melhor ainda, agora tínhamos um plano para continuar sincronizados com o novo ano da série. Minha esposa agora podia gravar todos os episódios semanais do quarto ano, que ia começar um mês depois da minha partida, e enviá-los para mim ao Japão. E assim foi feito. E funcionou! Todas as segundas feiras de manhã, se ela me enviava os

tapes, eles chegavam à minha casa no Japão na sexta feira.

Eu então assistia cada tape de casa semana com o casal que tinha nos emprestado seus tapes do primeiro ano da série. Nos domingos nós primeiro almoçávamos no nosso restaurante turco favorito — teríamos preferido um restaurante italiano, mas no Japão já comemos muita massa — e juntos, os três, já antecipávamos possíveis desenvolvimentos na trama. *Os Sopranos* então se transformava em uma ocasião social, a não ser que, enquanto discutíamos sobre a personagem de Carmella, ou especulávamos sobre o futuro de AJ, nossa conversa se transformava em uma aula de pós graduação.

O quinto ano? Meses mais tarde, agora de volta aos EUA e finalmente podendo ver cada domingo à noite o novo episódio, eu sentia falta da ocasião social. Na verdade, eu sentia falta do *drama* de poder ver *Os Sopranos*. Feito nos EUA e agora possível (para mim) de ser consumido na América, a série perdeu algo vital: seu poder de eludir fronteiras nacionais. Quem era eu? Somente mais um americano, assistindo *Os Sopranos*, que era, finalmente apenas mais um show americano.

O sexto ano? Outra vez, o acesso à série foi muito fácil — bastava subscrever outra vez à HBO (que eu tinha cancelado quando o quinto ano da série tinha terminado), e ligar a tevê cada domingo americano. No entanto, neste ano tivemos algumas complicações, porque eu e minha esposa queríamos ir ao Brasil por um mês. Tínhamos feito um plano em que sairíamos uma semana depois que o último episódio tivesse ido ao ar. Ou assim pensamos. Estávamos errados: calculamos uma semana a menos.

As considerações sobre a programação a cabo em outros países ignoram não somente como é caro ou complicado conectar com estas redes a cabo, mas

também o fato de que, naquele tempo, a disponibilidade estava restrita a algumas cidades maiores. Se a HBO estava disponível no Brasil, eu não conhecia ninguém que tinha HBO ou que podia consegui-la. Então, voltamos aos vídeos tapes. Alguém teria que gravar o último episódio do sexto ano para nós. Mas quem? Pedir a alguém pra fazer isto acabou sendo muito complicado.

Basta dizer que uma cópia em DVD do último episódio do sexto ano chegou à minha porta através da UPS alguns dias depois que retornamos do Brasil, um mês depois que este episódio tinha sido mostrado pela primeira vez. Mas, fazer esta cópia quase custou um amigo, e já tinha abusado da bondade de dois outros. Minha esposa e eu concordamos que não teria sido tão difícil conseguir uma cópia deste episódio final se estivéssemos no Japão.

Agora, vamos adiante um ano e meio. Durante este período *Os Sopranos* se tornou ainda menos interessante e provocativo do que tinha sido inicialmente. Em grande parte isto aconteceu porque a série tinha deixado de ser um fenômeno exclusivamente televisivo. Ao invés disso, tal como tantos outros shows de televisão famosos, os anos da série *Os Sopranos* tinham se tornado parte da cultura das bibliotecas de vídeo, nas quais mesmo os shows dos anos cinquenta agora estavam disponíveis para consumo através da descuidada reprodução.

Além do mais, quando as lojas de vídeo mudaram do formato VHS à tecnologia digital, eu tinha — como tantos outros fãs — comprado alguns episódios soltos dos *Sopranos* de anos anteriores que eu tinha achado à venda, novinhos. Para mim, estas cópias nunca deixaram de parecer inestimáveis. Não muito tempo atrás, eu teria dado qualquer coisa para ter um simples tape da série nas minhas mãos. Ser capaz de encontrar maneiras de assistir *Os*

Sopranos tinha se tornado uma definição da minha vida, como se eu fosse inescapavelmente um ser global ao invés de simplesmente um ser vindo de uma nação específica.

Não me lembro se estava claro para mim quando saímos para o Brasil que a série não terminaria com o último episódio daquele ano. Seis meses mais tarde, quando saímos para a Espanha, estava claro que não somente haveria outro ano da série, mas que durante os quatro meses que passaríamos na Espanha nós perderíamos o primeiro mês do último ano. Então outra vez a série caía numa brecha de diferentes intervalos temporais e horizontes nacionais que se excluíam mutuamente.

A Espanha tinha acesso à transmissão ao vivo dos *Sopranos*? (Naquele ano, o Japão já tinha este acesso, embora filtrado através de outro serviço de cabo, Sky TV, e somente se sua casa tivesse cabo com fibras óticas.) Foi impossível verificar. Era melhor assumir que nós – ou nosso edifício na Espanha (que não tinha sequer qualquer tipo de cabo) — não teria qualquer acesso à transmissão dos Estados Unidos. Não importava que, durante os oito anos que durou esta série, a tecnologia talvez tenha efetivamente conectado todo o globo (assim como redefinido as formas de reprodução cultural).

Se nós quiséssemos pela última vez assistir ao vivo o último ano da série na HBO depois que regressássemos da Espanha, uma outra vez um amigo teria que gravar para nós os quatro primeiros episódios. Felizmente, um deles se ofereceu para fazer isto. (Apesar do fato dele me garantir que o novo serviço de mostra de show “on demand” faria possível para nós assistir estes episódios uma vez que retornássemos.) Então eu e minha esposa saímos do país uma última vez tranquilos, mesmo se meu drama pessoal de reter a oportunidade de assistir o show ao vivo

tivesse agora um ar mais ou menos nostálgico. Alguns anos antes, o desejo de ter contacto com o momento da transmissão original americana fazia sentido. Por que me preocupar com isto agora?

Além do mais, o ápice cultural dos *Sopranos* já tinha sido alcançado nos Estados Unidos. E em um par de meses nós — em Nishinomiya, Curitiba, Alcalá de Henares, e em todos os lugares do mundo — poderíamos ver (ou poderíamos pelo menos saber) se, e como, Tony tinha sido despachado. A série então estaria terminada, e então estaria completamente disponível para assumir seu devido lugar na biblioteca de vídeos. A gente poderia antecipar razoavelmente o dia em que seus episódios seriam mostrados na televisão da mesma maneira que os filmes do *Poderoso chefão* são mostrados regularmente.

Talvez nem todos os canais do mundo inteiro, ou talvez nem mesmo todos os canais. Mas enquanto os americanos podem legitimamente esperar alguma nova ou final permutação dos *Sopranos* – um vídeo game? Uma série em quadrinhos? Uma comédia baseada em algum membro do grupo de Tony? — eles terão que admitir que o que acabou de ver é a localização original dos *Sopranos* no tempo de transmissão nos Estados Unidos e no espaço cultural americano. A série pode realmente ter sido feita nos Estados Unidos. Mas ela é consumida, ou está disponível para ser consumida, em todo o mundo.

De fato, em minha própria experiência de assistir os sete anos da série em oito anos em três países estrangeiros revela que, se a primeira transmissão não pôde ser exatamente recapturada, ela pôde sempre ser gravada, em base de pessoa a pessoa. Por outro lado, a gravação efetivamente antecipava desde o começo a revolução tecnológica através da qual toda a televisão renasceu como vídeo. Outra linha do

anúncio de HBO: “Não é TV. É HBO.” Verdadeiro e falso. Verdadeiro porque qualquer série agora já antecipa a sua reprodução. Falso, porque a fundação desta reprodução permanece — pelo menos até o momento — transmissão original de televisão.

E o espaço cultural? Ele existe para ser expandindo, outra vez através da tecnologia, que permite que qualquer ponto de origem possa ser transmitido (pelo menos em teoria) e adaptado (para melhor ou pior) de acordo com códigos de cada país em particular. Naturalmente, se somente porque seu assunto são os italianos americanos, *Os Sopranos* de fato nunca ocorreu somente dentro dos limites de um país (e algumas vezes a série mostrou com proeminência outras nacionalidades, tais como pessoas russas ou chinesas). Neste aspecto, especialmente, a série agora nos dava a base para recolocar outras perguntas veneráveis sobre a cultura popular, tais como se ela é ou não reduzível à cultura popular americana.

Uma coisa é certa: poucos shows na história além dos *Sopranos* demonstraram o poder da televisão americana para fazer contato com novas formas de reprodução técnica e com molduras mais amplas de referência cultural. Entretanto, esta não é a única história. A cultura começa sempre localmente, antes que circule globalmente, e a televisão nos dá uma instância crucial deste fato porque, mesmo quando ela passa a vídeo e DVD, todas as séries televisionadas continuam impregnadas com tempo até o fim de suas transmissões originais. Uma vez que você se atrasa, você

não pode realmente recuperar o tempo perdido.

Uma cópia, como o eventual produto global, vai provar ser algo completamente diferente — e, pelo menos na minha experiência, você não vai ter bem certeza do que exatamente. Então foi bom poder ver o último episódio realmente televisionado dos *Sopranos* na companhia de milhões de outros americanos. Cada um destes telespectadores então, como eu, ficaram discutindo os méritos da conclusão da série, deliberadamente suspensa no tempo. Como podemos interpretar aquele final? Pelo menos uma coisa é certa: a suspensão, como o anúncio da HBO, tinha como desígnio registrar o futuro da série como uma comodidade global.

Como tal, a circunstância temporal da sua transmissão original na televisão deixa de ser importante. As circunstâncias novas, completamente globais, para o consumo da série dependem da facilidade com que ela se junta à biblioteca de vídeos e DVDs, que efetivamente existe fora do tempo. Mas não existe efetivamente separada da origem nacional. A série *Os Sopranos* sempre será compreendida como “americana.” Mas falando como um americano que tentou representar uma identidade nacional e depois a viu transformar-se repetidas vezes em uma identidade global, talvez tivesse sido ainda melhor e mais interessante — até o fim da série — ter visto o último episódio em algum outro lugar.

Recebido em 2013-05-07
Publicado em 2013-05-13



* **TERRY CAESAR** é Professor de Literatura Americana, Teoria Literária no *Crockett*

College, San Antonio, Texas, EUA. Atualmente se dedica somente a escrever.